

## OS GRAFITES DE DRIKA CHAGAS: UMA TRAJETÓRIA VISUAL ENTRE SÍMBOLOS E SIGNOS DA CULTURA AMAZÔNICA<sup>1</sup>

Sebastião Guilherme Correa Nunes<sup>2</sup>  
Universidade da Amazônia – UNAMA  
Belém, 10/07/2014

### Resumo

O presente artigo parte de um breve histórico do grafite no Brasil e aborda, em particular, os grafites contemporâneos da artista visual paraense Drika Chagas. Sua obra, aqui, foi classificada em *indoor* (trabalhos feitos em lugares privados), grafite na galeria (mostras em galerias) e *street* (mostras nas ruas). Como corpus de análise, foram selecionadas quatro obras com narrativas ficcionais, traduzidas em grande parte por símbolos e signos da cultura amazônica. Nas análises dos trabalhos, foi levado em consideração o processo cultural, a relação do grafite com a arte e com a cidade, também foram observados os elementos formais, representados por símbolos, signos e outros recursos gráficos visuais expressivos de influência de estilos artísticos tradicionais, além de experiências mais contemporâneas como: design e quadrinhos, que somados dão forma e conteúdo aos grafites da artista, traduzem e compõem a poética em suas obras.

**Palavras-chave:** Arte; comunicação; cultura; Amazônia.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XIV Encontro dos grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação Linguagens e Cultura da UNAMA, email [guiecoart@gmail.com](mailto:guiecoart@gmail.com)

## 1. Sobre a Arte nas Ruas

No Brasil, o grafite apareceu em meados da década de sessenta, assim como na Europa, como forma de inscrição política a repressão imposta pela ditadura militar no século XX. Buscava com sua estética própria, por meio de fortes representações visuais urbanas, instituírem novas democracias e opinar sobre o sistema e sobre a realidade vivida. Nos anos setenta, o artista Alex Vallauri surge como precursor do grafite no Brasil. Vallauri começou a treinar suas técnicas nos meados de 1965, na cidade de Santos, São Paulo. Na sequência, seus grafites/estêncil tomaram os muros da grande metrópole.

Sobre a origem etíope do artista, Beatriz Rota-Rossi (2013, p.15) relata que; “Alessandro Vallauri nasceu no município de Asmará em nove de outubro de 1949”. Iniciando-se em xilogravura e fascinado por métodos de reprodução, explorava as várias técnicas de gravura em metal, e técnicas mistas até chegar ao grafite. Na imagem a seguir (figura 01) onde a técnica de reprodução é usada através do estêncil<sup>3</sup>; pode-se observar o grafite de Vallauri compartilhando com a cidade a irônica imagem, acompanhada das palavras críticas que parodeavam Descartes: “Não penso não existo só assito”.

Figura 01- Alex Vallauri. Técnica: Grafite/estêncil. Ano:1970



Fonte: <http://doidosabridoresblogger.blogspot.com.br/>. Acessado em: 13/11/2013.

<sup>3</sup> Estêncil é a técnica de aplicação de tinta em uma superfície, sobre um molde vazado de papelão ou acetato.

Nesta imagem híbrida que discorre entre o visual e o literário e que apresenta um homem de terno preto sentado confortavelmente em uma cadeira giratória, de pernas cruzadas, com a cabeça substituída pela logomarca de um canal de televisão, pode-se perceber a crítica direta concernente a forma passiva com qual o espectador se anula ao digerir programações televisivas. Através do uso simultâneo do texto e da imagem, o artista discursa sobre a sedução da cultura da mídia na sociedade e seus efeitos; sobre o assunto Kelnner (2001, p.11) considera que:

O entretenimento oferecido por esses meios frequentemente é agradabilíssimo e utiliza instrumentos visuais e auditivos, usando o espetáculo para seduzir o público e levá-lo a indentificar-se com certas opiniões, atitudes, sentimentos e disposições... no entanto, o público pode resistir aos significados e mensagens dominantes, criar sua própria leitura e seu próprio modo de apropriar-se e inventar significados, identidades e forma de vida próprios.

Nesta outra imagem (Figura 02) de Vallauri, apresentada no muro da rua, não aparece a cortante crítica sobre a força midiática, pode-se sentir um ar *kitsch*, em sua composição, e acima de tudo uma alegria e uma “autodeclaração” de amor de São Paulo para o artista, com uma conotação ambígua uma vez que surge dentro de um balão de quadrinhos, enquanto o cachorro pensa no osso.

Imagem 02. Sem Título. Artista: Alex Vallauri. Técnica: grafite. Anos 70



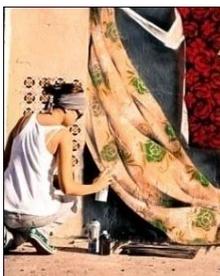
Fonte: <http://blog.a550.com.br/>. Acessado em:13/11/2013

Neste grafite dos anos 70, pode-se perceber referências da cultura *Pop*, da imagem das *pin ups*, figuras femininas que lembram as modelos e atrizes que primavam pelas poses eróticas, e podiam ser vistas em grande escala em calendários, paredes, principalmente nos anos 40 e 50. O cenário de Valluari abriga essas mulheres sensuais e lembra um bar dançante. O fundo branco manchado de azul com estrelinhas, o desenho estilizado de um coração, um osso e um cachorro que parece falar através de um balão (Sampa ama Alex) fornecem o clima lírico que muitas vezes o artista apresentava em seus grafites, refletem também uma narrativa diversificada, na qual muitas histórias são contadas.

O pioneirismo do grafiteiro brasileiro Alex Valluari contribui para se introduzirem, nesse campo de ação, o lirismo e a visualidade poética trazida pelo grafite contemporâneo de Drika Chagas. O presente artigo analisa os grafites desta artista paraense produzidos entre os anos de 2011 e 2014, apresentados em galerias e em espaços alternativos e ruas das cidades. Este artigo faz parte do aprofundamento do estudo sobre os grafites contemporâneos, através das produções artísticas da artista, observando as transformações estéticas, seus conceitos e ideias.

## 2. Arte Urbana de Drika Chagas: Uma Trajetória Visual

### 2.1. Sobre a Artista



Adriana Maria Chagas dos Santos, artista visual paraense, é artisticamente conhecida como Drika Chagas. Formada em Artes Visuais pela Universidade Federal Pará, nos últimos anos tem se dedicado à prática e a pesquisa do Grafite. Sua trajetória artística iniciou no ano de 2009 e seus grafites estão presentes em residências, prédios comerciais de Belém e outras capitais, nas ruas de diferentes metrópoles e em galerias.

Em 2010, a artista foi contemplada pelo Ministério da Cultura com o Prêmio Cultura *Hip Hop* 2010-Edição Preto Ghóez. A artista coordenou o “Ver-o-Risco”, em 2011, que comemorou o dia nacional do grafite em Belém. Em 2011 e 2012 participou do evento de arquitetura “Casa Cor Pará” e em 2013 integrou o *Street of Styles* – Encontro Internacional de

Grafite em Curitiba e em Porto Alegre (*meeting of style*). Participou ainda de Projetos de arte na Guiana Francesa.

Entre as mostras individuais, destacam-se “Cidade Labirinto”, realizada em Belém, na galeria de exposições SESC *Boulevard*, no ano de 2011 e a mostra “Foyer das Artes”, realizada no SESC Santana São Paulo, em 2012. Entre as coletivas, participou da exposição “Sincretismo”, na galeria de exposições do Centro Cultural Brasil Estados Unidos em 2012, e em 2011 participou exposição “Ánima” na galeria de arte Theodoro Braga, ambas em Belém. No presente ano de 2014, em Belém e municípios paraenses, Drika Chagas tem ministrado oficinas pelo projeto de Mídias Comunitárias Bizu e outras instituições e produzido grafites em instituições privadas e murais de grafite em vias publicas.

Situado no Bairro da Cidade Velha, Centro Histórico de Belém, Drika possui um atelier (figura 03) que o é o seu lugar de trabalho onde cria e realiza pesquisa sobre grafite, também é o local onde a artista tem a liberdade de experimentar cores, manipular diversos materiais e planejar as ações de grafite, além de receber artistas, colecionadores e visitantes interessados no gênero artístico. Todas as obras de Drika presente neste trabalho, fizeram parte de exposições e também se encontram em estabelecimentos privados. Todas essas obras foram concebidas neste espaço vivo, planejado fundamentalmente para a criação artística.

Figura 31. Detalhe do atelier de Drika Chagas

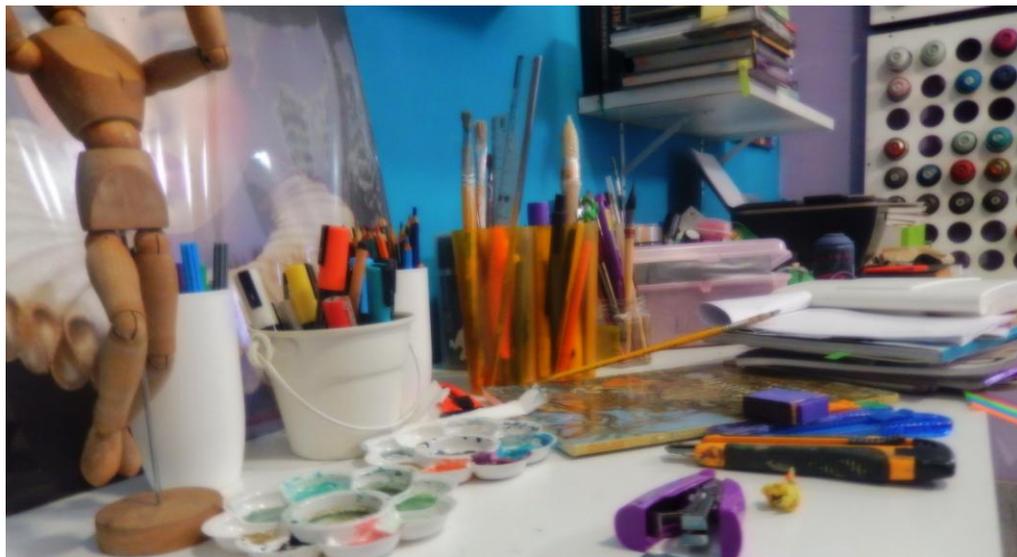


Foto: Guilherme Correa. Ano: 2014

## 2.2. Classificação dos grafites de Drika

A produção de Drika Chagas é bastante ampla; seus trabalhos estão presentes nas ruas, praças, galerias, residências, estabelecimentos comerciais. Sendo assim seus grafites são classificados de acordo com o local de sua realização.

**Grafite *Street*:** São grafites realizados nas ruas das cidades e espaços públicos, como praças, fachada de lojas. Geralmente são trabalhos com temáticas regionais. Quando se trata de lojas o tema acontece conforme a proposta do estabelecimento, a artista trabalha com mais liberdade para criar, apesar das intempéries, a obra permanece por mais tempo. Na figura 04, arte encontra-se na fachada de uma *skate house*<sup>4</sup>, situada na travessa ó de Almeida, bairro da Campina; Centro Histórico de Belém.

Figura 04. Grafite *street* no Centro Histórico de Belém

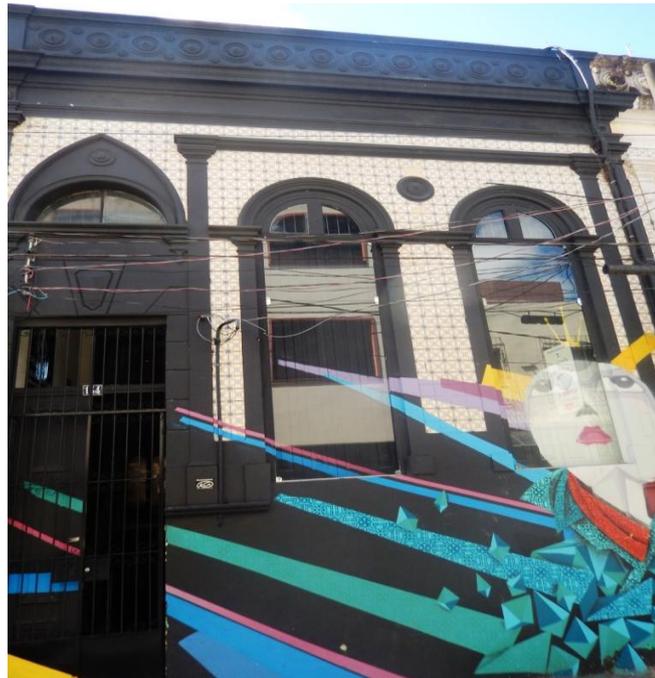


Foto: Guilherme Correa. Abril, 2014

**Grafite *Indoor*:** São trabalhos (figura 05) realizados em estabelecimentos privados e residências. São grafites de composição elaborada para se inserir e compor com a proposta do ambiente.

---

<sup>4</sup> Local onde acontece a prática do skate e vende produtos para os esquetistas.

Figura 05. Grafite indoor. Belém, 2014. Título: “A Valsa”



Fonte: <https://www.facebook.com/chagasdrika>. Acessado em: 10/7/2014.

**Grafitos nas galerias:** São trabalhos considerados efêmeros em função da pauta das galerias, pois tem data para ser retirado. Em função do espaço, o artista cria obedecendo aos limites da galeria. Na figura 06, o grafite fez parte da exposição “Cidade Labirinto” no SESC Boulevard, centro de Belém.

Figura 06. Grafite na Galeria. Exposição “Cidade Labirinto.” 2011.



Fonte: <https://www.facebook.com/chagasdrika/photos>. Acessado em: 10/07/2014.

### 2.3. A Poética Visual Urbana de Drika

A Produção de Drika Chagas está diretamente relacionada à arte urbana do grafite. Com estéticas próprias, seus trabalhos apresentam a mistura de técnicas como a pintura, o grafite, o estêncil. Expressas em obras bidimensionais podem mesclar-se a outras tridimensionais como instalações. Com esse *mix* seu trabalho revela uma beleza que também lembra pinturas em tela. Essa forma de grafitar que possui uma assinatura, um estilo pessoal identificável, pode ser atribuída ao tempo de experiência dedicado às ruas e à universidade, onde se graduou em Artes e conseguiu obter um conhecimento técnico e teórico que lhe forneceu um domínio das questões artísticas. Suas produções estão situadas diretamente na categoria de experiências contemporâneas que acontecem em diferentes espaços e muitas vezes configuram-se como ações compartilhadas e coletivas. Em seu repertório artístico e estético percebe-se intervenções de grafites não só nas paredes, mas também em diferentes suportes como: compensados, transparências, zircos e madeiras e objetos do cotidiano, que resultam em uma linguagem artística atual.

O universo feminino, os símbolos e signos da cultura local e o misticismo da região amazônica estão bastante presente na poética da artista. Embora traga em seus trabalhos diferentes referências provenientes da história da arte, a artista as atualiza, conseguindo agregar novos sentidos as essas imagens que cria, desprendendo-se do aspecto tradicional da arte, para desenvolver a linguagem específica do grafite.

As influências de estilos artísticos, e de temas permeados por símbolos e signos da cultura universal e local em seu processo artístico, possibilitam que as obras de Drika Chagas sejam construídas levando em consideração os elementos próprios da linguagem do grafite que podem ser pensados como um processo de comunicação, pois seu repertório estético propicia a leitura e a interação com o público. Na leitura de uma imagem, estão presentes a subjetividade e a sensibilidade tanto de quem cria como de quem se interessa por ela, que se manifesta na interpretação realizada, sendo assim, Canevacci (2004, p.37) considera que:

Na decodificação da mensagem existe sempre um lado criativo, um critério subjetivo. Ela é interpretada segundo a formação particular do pesquisador, sua biografia intelectual e política, seus gestos e emoções, ou segundo o acaso. A tradução de uma mensagem urbana é sempre uma traição.

Nas obras de Drika Chagas, além do aspecto relativo ao processo de comunicação, também se pode falar da ideia de estética da iminência. Para Canclini (2012, p.20) na contemporaneidade “as obras tratam os fatos como acontecimentos que estão a ponto de ser”

ou a ponto de acontecer, sendo assim, entende-se que essa nova experiência sensível, que é realizada e traduzida por meio da arte contemporânea, sugere algo que sempre esta por vir, ou seja, algo que está próximo.

No processo de criação das obras de Drika Chagas, além da memória afetiva e pessoal, também está presente à memória coletiva proveniente de narrativas ou elementos artísticos reconhecíveis, pois a artista pinta não apenas a partir experiências individuais, adquiridas na sua trajetória pessoal, proveniente de um trabalho solitário, ela experimenta também a influência de movimentos artísticos e de outros artistas que com ela compartilha uma estética comum, e muitas vezes dividem uma ação coletiva. De acordo com Maurice Albwacks (2006, p.3) “para confirmar ou recordar uma lembrança não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”; basta que as cenas sejam retomadas através de lembranças vividas, lidas ou vistas um dia, para que o artista possa representá-la em sua obra, com liberdade e imaginação. A consideração de Albwacks pode ser notada nas obras que serão analisadas, nas quais a artista se apropria de diversos elementos gráficos de estilos pictóricos da história da arte no processo de construção das obras.

A Produção de Drika Chagas, de uma maneira geral, prioriza a representação da mulher situando-a em um contexto plural. Todavia, o eixo feminino de suas obras não anula uma abordagem que leva em conta a identidade local. Algumas dessas obras são construídas em suportes não convencionais, como um barco; símbolo marcante na região amazônica (figura 07), por exemplo. O grafite realizado no barco apresenta a figura feminina em um cenário amazônico móvel, que se encontra representado na pintura e ao mesmo tempo está presente no contexto da própria paisagem, na qual o barco grafitado se encontra.

Figura 07. Sem título. Técnica: Grafite na madeira. Ano 2011



Foto: Drika Chagas.

O grafite, tendo como suporte o barco de madeira bem desgastada, foi produzido no município de São Domingos do Capim em 2011, interior paraense; um dos locais onde acontece o “Fenômeno da Pororoca”<sup>5</sup>. A artista utilizou a lateral da embarcação para pintar o fundo em cor rosa com estampas formadas por flores da mesma coloração, apenas mais escuro. Sobre o fundo sobressai-se uma figura feminina de roupa laranja apoiada na baliza do barco, olhando para o céu; como se perguntasse a si mesmo se vai chover. Ao fundo, na paisagem onde o barco grafitado se encontra, vemos barcos atracados, uma casa sobre o rio, e a floresta. Criado em um suporte que se locomove, este grafite, em especial, adquire uma função muito distinta dos que são realizados comumente em suporte estável. O barco grafitado que pode obter novo significado não apenas em função da paisagem móvel dos barcos que transitam pelo rio, mas também pode ganhar novo sentido com a locomoção do próprio barco grafitado.

Em 2011 Na Exposição “Cidade Floresta”, no CCJ, Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso em São Paulo, Drika Chagas realizou um grafite (figura 08), no qual se pode ver um casal que se sobrepõe ou funde-se na condição de homem e mulher, apresentando características bem regionais, ao evocar personagens das lendas amazônicas. Eles encontram-se entrelaçados por uma faixa que sugere que ambos pertencem ao mesmo corpo. Estão representados sobre uma palafita rodeada de plantas verdes que lembram tajás, a figura feminina segura seres semelhantes a insetos gigantes. Ao fundo, próximos aos tajás; planta comum em região de várzea pode-se perceber os elementos gráficos que parecem representar conchas do mar amarelas. Trata-se de um encontro de imaginários, o da artista e o daqueles que se deixam permear por lendas de origem indígena, cabocla ou africana.

---

<sup>5</sup> A pororoca resulta do encontro das águas do Rio Amazonas com as águas do Oceano Atlântico. O fenômeno também é conhecido como sizígia ou marés vivas. Acontece sempre nos três dias que antecedem ou sucedem a lua nova ou cheia. Os melhores meses para observá-lo são março e abril.

Figura 08: Sem Título. Técnica: Grafite. CCJ. São Paulo Ano: 2011.



Fonte: [www.facebook.com/chagasdrika/photos](http://www.facebook.com/chagasdrika/photos). Acessado em: 10/07/14

Algumas obras de Drika Chagas representam e traduzem simbolicamente o universo rico das tradições e dos valores da identidade cultural amazônica. A artista, sem dúvida, transita entre o mundo pessoal e o mundo público, costura com sua linguagem visual os dados identitários de uma cultura unida por saberes populares que pode advir do uso de ervas e das narrativas das lendas. Sobre o assunto, Stuart Hall, (2011, p.12), considera que:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior"— entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

Confirmando os dados identitários referidos por Hall, na apropriação de uma estética de símbolos e de signos regionais, destaca-se o grafite "A Erveira I" (figura 09), trabalho realizado na Rua Gaspar Viana, esquina com a Avenida Doca de Souza Franco, centro de Belém do Pará. Nas duas fotografias do grafite aqui apresentadas, temos dois momentos distintos, o da esquerda em que se observa o processo pictórico da artista no instante em que o grafite estava sendo realizado, e o da direita, a obra pronta.

Figura 09. Título; “A Erveira I”.



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php>. Acessado em 29/04/2014.

Permeado por signos e símbolos da cultura amazônica, o grafite “A Erveira I” apresenta uma personagem feminina, trajando roupas que lembram o traje das mulheres que habitam as margens dos rios da região. A mulher encontra-se sobre uma ponte com os pés mergulhados em uma bacia com água e insumos de ervas. Ela pode muito bem representar as erveiras do mercado Ver-o-Peso, e se observarmos com acuidade o grafite, perceberemos que na mão esquerda ergue um brinquedo de miriti, artesanato produzido na cidade de Abaetetuba-Pa, e na mão direita segura uns vidrinhos de perfume, fácil de associarmos com os que são fabricados e vendidos pelas erveiras do mercado paraense. No contexto comercial e cultural em que se inserem esses perfumes são conhecidos há dezenas de anos e foram aprimorados pela sabedoria das erveiras em manipular cheiros, fabricarem perfumes, ou líquidos mágicos para curar doenças e outros males. Estamos diante de um saber herdado dos pais, avós e bisavós.

Incluído na mesma linha dos grafites que abordam personalidades que representam e enriquecem a cultura amazônica, através de seus signos e símbolos, temos a “Erveira II”, (figura 10), obra realizada em Curitiba em 2013, durante o Encontro Internacional de Grafite. O personagem feminino apresentado no Paraná, diferente do estereótipo regional da erveiras do mercado do Ver-o-Peso em Belém, pouco lembra as vendedoras de ervas paraenses, a não ser pelos adereços que compõe a obra como a coleção de vidros coloridos que pendem do dedo da personagem e trazem o traço forte da cultura amazônica. Em contrapartida a essa falta de semelhança com a figura regional das erveiras, a personagem com as pernas

flexionadas em repouso no chão, lembra as personagens orientais saídas de alguma lenda vinda de outro continente ou surgida de uma narrativa fantástica dos contos de fadas. O ato de segurar e observar a porção de vidros de perfumes com um olhar fixo nos vidrinhos parece traduzir a reflexão sobre a tradição, tão antiga de tomar “banhos de cheiro” que faz parte da cultura paraense.

Figura 48. Título “A Erveira II”



Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php>. Acessado em 29//04/2014

### Um balanço visual dos grafites de Drika

O jato de tinta, hora suave, hora frenético, porém certo que sai do spray dá contornos sinuosos, cores, luzes e sombras às figuras sublimes, com corpos disformes e rostos singelos, com olhares melancólicos e fortes expressões faciais; revelam o universo poético visual da artista. Drika Chagas produz exclusivamente grafites, mas seu trabalho retoma a estética da suavidade que transita pelo universo das pinturas clássicas feita nas telas das artes decorativas de Klimt; artista que se tornou representante da *Art Nouveau*, estilo artístico francês que surgiu no século XIX, onde valorizava as expressões sentimentais nas artes. Plantas, flores e árvores eram usados como temas e recursos visuais, além da figura feminina muito retratada nas pinturas e ilustrações.

No processo artístico de Drika, como no *Art Nouveau*, a natureza e a presença feminina são bem constantes, só que no contexto dos grafites de Drika, o tema feminino, parece se aproximar do universo mais matriarcal e ao mesmo tempo exaltar através da representação da figura da mulher, a força e a leveza visual feminina; como recurso para chamar a atenção de quem observa o seu grafite. Outro recurso visual muito presente em seus trabalhos, é interação do grafite com objetos do cotidiano; recurso que parece ter se transformado em uma questão de estilo, e ao mesmo tempo reafirmar as possibilidades de experimentação dessa proposta artística, mostrando que o grafite pode se “deslocar” do muro e interagir com objetos e suportes não convencionais, formando novas paisagens visuais e comunicacionais, como na *Pop Art*; onde histórias em quadrinhos, bandeiras, panfletos de propagandas e outros objetos serviram de base para a criação artística. A poética de Drika também é construída com a composição de texturas e estampas e por personagens alongados e distorcidos carregados de influência do surrealismo que se articula com a estética do *design*; resultando em uma proposta artística moderna, que muitas vezes desafia a lógica e os limites impostos pela imaginação; usando como recurso as emoções para representar e interpretar cenas do mundo concreto.

Perceber e conhecer um pouco da história do grafite e a trajetória da artista me deu possibilidade de analisar sua obra de forma mais ampla e perceber os temas mais recorrentes e o estilo que adota até mesmo, as sensíveis mudanças em seu estilo. Através de sua formação em artes, sua pesquisa sobre a arte urbana e do talento como artista, Drika Chagas deu forma e conteúdo a um grafite mais atual, mais amazônico, através de suas personagens mulheres e de um estilo que abriu possibilidades de conexões artísticas com outras formas de expressão.

## REFERÊNCIAS

- BATTISTONI FLHO, Duilio. **Pequena História da Arte**. 2ª edição. Campinas. SP: Pípirus, 1987.
- CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução Cecília Prada. 2ª edição. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- GITAHY, Celso. **O que é Graffiti**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- GARCIA CANCLINI, Néstor. **A Sociedade sem Relato**: Antropologia e Estética da Iminência. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- GANZ, Nicholas. **O Mundo do Grafite**: Arte urbana nos cinco continentes. São Paulo. Martins Fontes Ltda, 2004
- KELLNER, Douglas. **Estudos Culturais**: Identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. São Paulo, Bauru. EDUSC, 2001.
- POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1989.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11ª ed. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro. DP&A. 2011.
- ROTA-ROSSI, Beatriz. **Alex Vallauri**: da gravura ao grafite. Editores Olhares, São Paulo. 2013.